



LÍNGUA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Abimael Nunes de Freitas¹

RESUMO

Um dos grandes problemas da atualidade que afetam boa parte da população brasileira é o Preconceito Linguístico, que é causado pela aversão às variações que fogem a norma culta da língua. Por esse motivo esse artigo tem como objetivo apresentar os fatores que fazem com que o preconceito linguístico surja e através dessa demonstração buscar soluções para que essa problemática seja combatida, uma vez que as variações sejam elas de que classificação for, trazem apenas enriquecimento cultural para a língua. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica embasando-se nas contribuições de Bagno (2011), Silva (2009), Possenti (1996), Antunes (2009) e Geraldi (2011). Procurando explicar as causas e consequências do preconceito linguístico, chegou-se a conclusão de que este só deixará de existir a partir do momento em que as pessoas compreenderem a língua de modo total, sem levar em consideração apenas a sua gramática normativa, respeitando assim as suas variedades.

Palavras- chave: Língua. Variações. Preconceito Linguístico. Compreensão

Introdução

O presente trabalho tem como tema a Língua e o Preconceito Linguístico, e através do conceito destes, mostrará os fatores causadores do preconceito linguístico e também as variações que a língua sofre dentro de uma determinada sociedade, haja visto que, por possuir influências de culturas diferentes a língua sofre inúmeras variações.

Algumas questões norteadoras serão necessárias para que haja um entendimento a respeito da temática:

1- ¹ Abimael Nunes de Freitas é Licenciado Pleno em Letras pela Faculdade de Itaituba – FAI, professor na rede estadual de ensino do estado do Pará e atualmente está concluindo a Especialização em Linguística Aplicada na Educação pela UCAM – Universidade Candido Mendes.



- O que é língua?
- O que são variações linguísticas?
- O que é e o que caracteriza o preconceito linguístico?

A língua é um fenômeno natural que acontece em toda cultura, essa existe desde a antiguidade, pois para os primeiros homens se comunicarem era necessário criar uma língua com seus códigos e signos. Nessa perspectiva Silva afirma:

[...] a língua é um conjunto de variedades. [...] Cada língua é como uma grande pizza dividida em várias fatias. Cada fatia é uma variedade e nenhuma é melhor ou pior que a outra, ou seja, não existem dialetos superiores ou inferiores. (SILVA, 2009, p. 19)

Como afirma a autora, dentro de uma língua sempre há variações linguísticas, essas variações se dão de três modos, seja por causa do patamar social (variação diastrática), por período de tempo (variação diacrônica) ou por lugares e regiões (variação diatópica). São essas variações que vão dar um enriquecimento vocabular e cultural a uma língua. E são essas variações linguísticas que causam o chamado Preconceito Linguístico.

O preconceito linguístico é um fenômeno que por muito tempo passou despercebido e que consiste em uma depreciação das variações linguísticas, ou seja, o desprezo que algumas pessoas tem pelo modo de falar de pessoas com menos grau de escolaridade, aquisição financeira entre outros fatores.

Para a realização deste trabalho utilizou-se da pesquisa bibliográfica, usando assim autores conhecidos que já publicaram vários trabalhos científicos a respeito do referido assunto. Sendo assim, o trabalho foi fundamentado nas ideias de autores como: Bagno (2011), Silva (2009), Possenti (1996), Antunes (2009) e Geraldini (2011).

Desenvolvimento

A língua é a identidade cultural de um povo, é por meio da língua que distinguimos primordialmente um povo de outro, pois ela traz consigo uma série de fatores que são peculiares de cada região. Uma língua é constituída por duas partes essenciais: fala e escrita.

A fala e a escrita são fenômenos totalmente diferentes e por esse motivo não devem ser classificadas e analisadas da mesma maneira, uma vez que a fala é



espontânea e está mais sucessível a desvios no que tange a norma culta. A escrita por sua vez, é mais elaborada, há certo cuidado ao escolher as palavras adequadas a serem usadas num determinado contexto. Tendo em vista essas diferenças cruciais, faz-se necessário que as mesmas sejam analisadas de uma perspectiva diferente. Sobre a língua Irlandé Antunes afirma:

[...] Pensar numa língua uniforme, falada em todo canto e em toda hora do mesmo jeito, é um mito que tem trazido consequências desastrosas para a autoestima das pessoas (principalmente daquelas de meios rurais ou de classes sociais menos favorecidas) e que tem confundido, há séculos os professores de língua. (ANTUNES, 2009, p. 22)

A língua faz parte da história de um povo e está relacionada intrinsecamente com este. Sobre isso, Silva afirma:

[...] A língua não serve apenas para que possamos transmitir ou receber informações; ela serve para estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas. O uso efetivo da língua é uma das atividades mais fantásticas da nossa vida. É o sistema mais complexo que usamos no dia a dia e está presente em todas as nossas atividades. (SILVA, 2009, p. 18).

Como afirmou Silva, a língua é a raiz mantenedora da cultura de um povo, pois faz parte do dia a dia e é através dela que os conhecimentos vão sendo passados de geração para geração, seja de maneira oral ou escrita. O ser humano precisa da língua a todo o momento, pois a comunicação é algo essencial na sua vida. Quase todas as situações diárias exigem a presença da língua, e dominá-la não é algo tão fácil, uma vez que sua estrutura é um pouco complexa.

Dentro de uma mesma língua pode haver variações, essas variações são causadas por vários fatores, no caso do Brasil, onde a Língua Portuguesa é o idioma oficial, tem-se uma história de transformações linguística muito grande, que vem sofrendo alteração desde a sua colonização. Sobre variações Geraldini esclarece:

Todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma. A variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de *status* ou de papel, essas diferenças se refletem na linguagem. Por isso muitas vezes percebem-se diferenças na fala de pessoas de classe diferente, de idade diferente, de etnia diferente etc. (GERALDINI, 2011, p. 35).

Por ter sido colonizado por vários povos, o Brasil sofreu uma grande miscigenação cultural e com isso inúmeras línguas se fundiram e se juntaram ao português, exercendo certa influência sobre ele. Assim, dependendo da região do país a língua portuguesa apresenta variações diferentes. Um mesmo objeto pode ter



nomenclaturas diferentes de uma região para outra, e isso é bom, pois mostra a riqueza vocabular que a língua possui. Sobre as variações, Silva afirma:

[...] As variedades, então, são as representações possíveis da língua (todas elas, sem exceções) e apresentam diferenças originadas de acordo com a região, o sexo, a idade, a condição social e cultural, a evolução histórica da língua etc. (SILVA, 2009, p. 20).

Como evidenciou a autora, as variações podem ser dadas por vários fatores, esses fatores são classificados em três tipos: Variação Diastrática, Variação Diacrônica e Variação Diatópica.

As variações diastráticas são as que ocorrem por influência do patamar social de um determinado lugar, seja por causa da instrução de grau de escolaridade, seja por causa da idade, sexo ou uso. Pessoas mais instruídas escolarmente possuem mais facilidade em se expressar de acordo com a norma culta exigida pela língua padrão, sendo assim, sempre haverá diferença quando se compara uma pessoa alfabetizada com uma analfabeta quanto ao modo de se expressar.

A idade também influencia a variação dentro de uma língua, pois ela varia de uma criança para um adulto, já que, o tipo de linguagem utilizado por uma criança na pré- escola foge totalmente do tipo de linguagem utilizada por um adulto que trabalha como chefe executivo de uma empresa.

O gênero também influencia na mudança da língua, já que as mulheres costumam ter uma linguagem particular quando estão conversando com mulheres em um ambiente de descontração, assim como os homens quando estão conversando com homens em ambientes como bares ou campos de futebol, onde falam palavrões e expressões pejorativas com frequência.

Sobre a variação diastrática Silva afirma:

A língua, além de variar geograficamente, varia de acordo com o contexto social onde o falante está inserido. Esse contexto é o conjunto de uma série de situações específicas: situações de uso (familiar, trabalho, escola etc.), idade (falantes mais jovens ou mais velhos), sexo, escolaridade (muita, escassa ou nenhuma) etc. As variações a partir desse conjunto são chamadas de *diastráticas* [...]. (SILVA, 2009, p. 26).

Outra variação presente na língua é a Variação Diacrônica, que ocorre por causa da evolução temporal. Com o passar do tempo muitas palavras e expressões são criadas, deixam de existir ou são transformadas, isso se dá pelo fato de a língua



estar em constante evolução. De tempos em tempos ocorrem as reformas ortográficas que visam unificar a escrita das palavras dos países que tem a Língua Portuguesa como idioma oficial. Com a criação de “modismos”, muitas palavras surgem e outras entram em desuso por seus usuários as acharem obsoletas.

Por fim, temos a Variação Diatópica, que acontece quando há mudança no modo de falar de região para região do país. Essa variação é bem evidenciada ao se comparar, por exemplo, o modo de falar dos nordestinos com o modo de falar das pessoas da região norte ou sul do país, uma vez que o sotaque de cada região é peculiar. Todo o território nacional fala a língua portuguesa, no entanto, cada região tem o seu modo particular de dizê-la, o que torna a cultura rica e diversificada linguisticamente.

Essa variação pode ser notada, por exemplo, quanto a designação de uma criança do sexo masculino, haja visto que em algumas regiões do país é usada a palavra *menino* enquanto em outras são usadas: *guri*, *piá*, *garoto*, *moleque*, *curumim* etc.

Por motivos dessas variações, surge o preconceito linguístico, que se dá quando se desvaloriza algum modo de falar de determinada pessoa, seja por fatores econômicos, sociais ou culturais. Sobre essa problemática o escritor Marcos Bagno escreveu o livro *Preconceito Linguístico: o que é, e como se faz*, no qual ele aborda questões importantes como: O que é o preconceito linguístico? Como ocorre esse tipo de preconceito? E como combater o preconceito linguístico.

Sobre a temática, Bagno afirma:

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os elementos fundamentais da *identidade* cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e condenar os seres humanos que a falam como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes [...]. (Bagno, 2011, p. 16).

Como afirmou Bagno, denegrir ou condenar uma variedade linguística é o mesmo que denegrir os falantes dessa variedade, é afirmar que os mesmos não são capazes e são inferiores aos demais falantes da língua. Sendo assim, as variedades



têm que ser respeitadas, pois fazem parte da bagagem cultural de toda uma comunidade de falantes.

Muitas pessoas questionam o modo de falar de outras, por acharem que o não falar culto é “errado”, mas não sabem elas que pela imensa grandeza do território brasileiro, jamais se terá uma fala uniformizada, até mesmo porque nem todas as pessoas falam da mesma maneira, já que é um fato impossível. Esse achar tortuoso se deve ao fato das pessoas terem passado as suas vidas escolares inteiras estudando gramática normativa, que diz que há somente um modo “certo” de falar, e que qualquer desvio a esse modo é considerado “errado”.

Sobre isso Possenti enfatiza:

Saber falar significa saber uma língua. Saber uma língua significa saber uma gramática. Saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola, ou fazer algumas análises morfológicas e sintáticas. Mais profundo do que esse conhecimento é o conhecimento (intuitivo ou inconsciente) necessário para falar efetivamente a língua. [...]. (POSSENTI, 1996, p. 30).

Segundo Possenti, vê-se que para compreender uma língua não é necessário passar a vida decorando regras gramaticais, já que o ser humano nasce com uma gramática internalizada dentro de si, na qual o mesmo consegue montar estruturas de fala sem nem mesmo ter ido à escola algum dia, pois há uma sequência lógica natural dentro de cada ser humano, onde o mesmo sempre estrutura sentenças através de seus conhecimentos prévios e dos que adquire ao longo da vida, e por mais que ele não seja uma pessoa instruída escolarmente, ele consegue adequar sua fala para cada situação de comunicação do dia a dia, um exemplo é que uma pessoa analfabeta não vai chegar dentro de uma igreja e começar contar piadas usando palavras de baixo calão, pois sabe que aquele ambiente é improprio para esse tipo de conversa, sabendo assim adequar a linguagem a cada tipo de situação.

Para que o preconceito linguístico seja combatido, as pessoas têm que aceitar que a escola jamais vai mudar o modo de falar (sotaque) das pessoas, o que a escola tem que ensinar é o português padrão escrito, no qual todos os textos escritos de um mesmo gênero tem que seguir a mesma grafia, sendo assim a escola deve respeitar o modo de falar do aluno e incentivá-lo a preservar a sua riqueza vocabular. E mostrar a que situações cada tipo de linguagem está destinada.



Conclusão

Com base em tudo que já foi abordado, conclui-se que a língua é um fenômeno cultural de um povo, e que essa sempre estará em constantes transformações, transformações essas que irão gerar as variedades linguísticas, aumentando a gama vocabular de determinada cultura.

A sua função primordial é e sempre será a comunicação, e através da comunicação haverá a transmissão de conhecimentos para as futuras gerações, uma vez que, imaginem que uma pessoa muito sabia não consiga se comunicar com ninguém e nem saiba escrever, como seus conhecimentos serão transmitidos para que sejam aproveitados e aprimorados pelas futuras gerações?

Por esse motivo, vê-se que a língua é muito importante e que suas variedades devem ser respeitadas, para que assim não surja o preconceito com a língua. Como qualquer outro tipo de preconceito, o linguístico, só traz situações e sentimentos desagradáveis. Menosprezar uma pessoa por ela não dominar a norma culta é o mesmo que desvalorizar suas raízes, e afirmar que ela é incapaz.

Só se combate o preconceito linguístico a partir do momento que se respeita a língua e suas variedades. Quando se entende a língua de modo geral e não só a sua gramática normativa, passa-se a ter uma nova visão, uma visão mais ampla de todos os elementos formadores de uma língua, já que essa não é formada apenas pela escrita, mas também pela fala e todas as suas variedades.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível/** Irandé Antunes. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico o que é, como se faz.** Marcos Bagno. – São Paulo: Loyola. (54 ed.: agosto de 2011).

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula/** João Wanderley Geraldi, organizador; Milton José de Almeida [et al.]. – 5.ed. – São Paulo: Ática, 2011.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola/** Sírio Possenti – Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.



SILVA, Rita do Carmo Polli da. **A sociolinguística e a língua materna/** Rita do Carmo. – Curitiba: Ibpex. 2009. – (Série Língua Portuguesa em Foco).